



A LINGUAGEM REGIONALISTA NA OBRA *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO, EM UMA PERSPECTIVA REMOTA

Maria do Socorro Alves Tavares¹
Maria de Fátima de Souza Aquino²

RESUMO

A pandemia da Covid-19 que se instaurou no mundo no final de 2019 reorganizou a dinâmica de funcionamento de diversos setores sociais, sendo a educação um dos mais afetados. Nessa realidade, na tentativa de buscar subsídios para o ensino de literatura no modo remoto, realizou-se ação pedagógica em uma turma de 3ª série do ensino médio, a partir do romance “Menino de Engenho”, do escritor paraibano José Lins do Rego, publicado em 1932, e que se configura como fonte de conhecimento histórico, social, literário e linguístico. Nesta ação, desenvolvida entre junho e outubro de 2021, buscou-se promover o letramento literário dos alunos, além de contribuir para a formação do repertório sociocultural. A opção por trabalhar uma obra literária dessa natureza deveu-se a três fatores: a) a importância no que diz respeito ao Regionalismo e à funcionalidade da língua falada; b) o diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura, visando a reflexão acerca da contribuição dos estudos sociais, dos tipos regionais e na construção da identidade cultural nordestina; c) o estudo das variações linguísticas como forma de valorização dos elementos históricos e formadores de identidades. Metodologicamente, foram utilizadas as propostas de Cosson (2006), que reflete sobre o trato com o texto e a leitura literária em sala de aula, bem como as reflexões acerca do ensino de língua, variação e letramento a partir de Marcuschi (2008), Bagno (1999) e Koch (2008). Para refletir sobre o regionalismo a ser analisado na obra, utilizou-se a tese “A invenção do Nordeste e outras artes” (2001), de Albuquerque Jr. Ao final do processo, constatamos um ensino ressignificado dos espaços de aprendizagens através da Linguagem e da Literatura pela sua função humanizadora que invariavelmente se reflete na vida cotidiana.

Palavras-chave: Letramento literário, Regionalismo, Linguagem, Ensino remoto.

INTRODUÇÃO

Este texto relata uma experiência com a literatura regionalista em uma turma de 3ª série do ensino médio, realizada em uma escola pública, mantida pela Secretaria de Estado da Educação, no município de Pirpirituba-PB. A maioria dos alunos são carentes, pertencentes à classe social menos favorecida, além de problemas ligados à situação financeira, passam também por outros problemas de organização familiar, a exemplo de famílias desestruturadas com casamentos fracassados, violência doméstica, alcoolismo, drogas, etc.

¹ Mestranda do Curso do PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
maria.socorro.alves.tavares@aluno.uepb.edu.br

² Doutora pelo Curso de Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Docente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFPB).
fatimaaquino@servidor.uepb.edu.br



Estes problemas nos levam a ver e a refletir que cada vez mais é necessário aproximar as famílias da escola, para que juntos possamos constituir uma instituição educacional atuante e com novas metodologias. Partindo desse contexto, buscou-se estratégias com vistas a motivar os estudantes que se mostraram apáticos e desmotivados para o ensino remoto, de maneira que isto estava influenciando negativamente na participação das atividades não-presenciais, seja pela ausência de tecnologias, seja pela falta de interesse ou, ainda, pelas desigualdades sociais, tão evidentes e que também são acompanhadas de exclusão digital.

O ensino remoto surgiu em meio a esses desafios, o que resultou em baixo índice de participação de alunos e famílias nas atividades à distância, entre as dificuldades mais perceptíveis é possível destacar o atraso no calendário letivo, o acesso dos estudantes e professores à internet de forma precária, a saúde mental comprometida, assim como as questões sociais, econômicas e culturais dos alunos da nossa escola.

Nesse cenário, os professores também têm que ser levados em consideração. Fundamentais para o êxito do ensino remoto, eles tiveram que aprender o domínio das tecnologias de forma imediata, empregar metodologias ativas, lidar com a dispersão física dos participantes e ainda tentar despertar motivos para a aprendizagem e tornar as aulas interessantes para os estudantes. Ademais, isto tudo se soma ao cenário pandêmico, no qual estávamos vivendo tempos de desesperança e o iminente perigo da contaminação por um vírus mortal.

Assim, a proposta aqui apresentada surge da inquietação de como, em tempos de pandemia, seria possível colaborar na construção de leitores e escritores críticos a partir da mediação do letramento literário nas aulas de Língua Portuguesa e como as oficinas de letramento poderiam ser aplicadas a partir da leitura integral da obra literária, a qual favoreceria as práticas produtivas de leitura e escrita no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Para isso, levou-se em consideração que os sujeitos envolvidos estavam vivendo em um período de isolamento social, estudando através do ensino remoto e a ferramenta utilizada era, na maioria das vezes, o aparelho celular e que demonstravam pouco interesse pela leitura literária, uma vez que vivem num universo do imediatismo, dos jogos e das redes sociais, o que torna a prática da leitura de um livro algo ainda mais distante.

Estudiosos, escritores e leitores de diferentes classes sociais atribuem à literatura uma função formadora, visto que ela contribui para o desenvolvimento de indivíduos emocional e psicologicamente equilibrados, conscientes de sua responsabilidade social e capazes de posicionar-se criticamente e promover mudanças na sua realidade. Infelizmente, no espaço



da escola, é perceptível o desinteresse pela leitura de textos literários, posicionamento que somente é contrariado por raríssimas exceções.

Partindo dessa premissa, este estudo teve como objetivo efetuar uma ação pedagógica focada na abordagem do Tema Transversal Pluralidade Cultural, realizada através do letramento literário, examinando, dessa forma, quais as principais contribuições que o letramento literário pode trazer ao processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, além de verificar o conjunto de atividades de letramento sistematizadas que podem ser empregadas pelo professor na busca de práticas produtivas de leitura e de escrita, o que provoca uma reflexão sobre a imagem de um Brasil de ontem que nos favorece a compreensão do Brasil de hoje, enfatizando a formação integral do estudante como ser humano, sendo essa uma das funções sociais da escola.

No tocante às variações linguísticas, conforme os estudos linguísticos, estão longe de serem casuais, são fenômenos fortemente condicionados por fatores sociais, estilísticos e avaliativos. A partir dessa proposição, procuramos analisar a linguagem regionalista na obra de José Lins do Rego, entendendo-a como uma forma de apreensão do conjunto de particularidades de determinada região geográfica, decorrentes da cultura existente ali e de fatores históricos que a originaram, sendo o dialeto uma de suas principais formas de expressão.

Quanto aos termos e expressões populares, procurou-se a fidedignidade ao texto, registrando as lexias tal como são apresentadas, catalogadas dentro dos campos léxico-semânticos, para assim oportunizar uma melhor compreensão do texto; e isso se reverberou na obra de José Lins do Rego, uma vez que aponta uma quantidade expressiva de regionalismos, termos folclóricos e neologismos, os quais refletem a linguagem cotidiana do Nordeste, com termos e expressões populares, observados na linguagem coloquial típica dos engenhos nordestinos, como também, os valores culturais e sociais.

No entanto, conforme verificamos nas mídias, o falar nordestino é considerado tosco e errado, não respeitando a formação regional, como pensa Marcos Bagno (1999), ao refletir que a fala nordestina passa a ser retratada como algo grotesco, rústico, atrasado, criado para produzir risos entre as pessoas. O choque cultural acaba causando o preconceito linguístico, por isso, justifica-se a importância do estudo das variações, pois elas são elementos históricos, formadores de identidades e capazes de manter estruturas de poder.

Dessa feita, justifica-se a escolha da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, porque esta retrata o interior paraibano, a vida nos engenhos que historicamente foram extremamente importantes para a formação econômica e social do Nordeste e do Brasil, o



que possibilitou aos estudantes estabelecer uma relação com Engenho da cana-de açúcar do século XX e os engenhos de hoje. Para além disso, a obra se relaciona com a identidade dos alunos que moram na zona rural em muitos aspectos, de maneira que eles se reconheceram quanto à apresentação dos costumes, da linguagem, da religiosidade, das crenças, das superstições etc. Assim, o projeto apresentou ações pedagógicas voltadas ao protagonismo juvenil, assim como para as discussões sobre as relações sociais discriminatórias e excludentes que atravessam a sociedade brasileira e se constituem em Direitos Humanos por meio do diálogo estabelecido entre Literatura e História.

A literatura oportuniza aos alunos se emocionarem, problematizarem, criticarem, se humanizarem através de contextos e experiências, colaborando para o enriquecimento da criatividade e do conhecimento deles. Rildo Cosson, grande estudioso do letramento literário reflete:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização, [...], promovendo o letramento literário (Cosson, 2014, p. 17).

Ademais, constata-se um crescente apagamento do espaço da literatura nas aulas de Língua Portuguesa, embora seja a Literatura reconhecida como bem cultural, possibilitadora de valor humanizador e propiciadora da produção dos sentidos, ela não é um hábito cultivado pelos jovens.

Em muitas circunstâncias, o texto é abordado como pretexto, utilizado para aplicação de regras gramaticais da língua ou de compreensão de um dado momento histórico, outras sem consideração à sua natureza intertextual e plurissignificativa, também é muito frequente o ensino inadequado de literatura, baseado no exame de fragmentos de texto em detrimento da leitura integral da obra.

Todos esses aspectos destacam um ensino de literatura precário, cheio de lacunas e a abordagem inadequada do texto literário em aulas de leitura revelam ainda haver divergência entre os documentos normatizadores vigentes no Brasil e aquilo que seria adequado em relação à presença do texto literário na sala de aula.

Quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes (PCNS, 1997, p. 37).

Destarte, o letramento literário precisa ser abordado e desenvolvido na escola, pois



ela é a principal agência de letramento, assim, Kleiman postula:

(...) desde que a escola acolheu o papel de transferir à “todos” a escrita alfabética, se tornou quase impossível desfazer a mescla ideológica entre letramento, capacidades (cidadãs e cognitivas), bem falar e escolaridade – seja para o senso comum, seja para a elaboração científica sobre o tema. (Kleiman, 2001, p. 25).

Em contrapartida, observa-se a ausência de literatura enquanto componente curricular obrigatório a considerar a proposta da BNCC, o que vem fortalecer de forma ainda mais categórica a crise no ensino de leitura nas escolas. Nesse sentido, Cosson afirma que “[...]devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (Cosson, 2014, p. 23). Além disso, o referido autor explica que:

Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante. A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (Cosson, 2014, p. 29-30).

Cabe ao professor, como mediador do processo educacional, criar espaço para o ensino da literatura no chão da escola, promovendo atividades na biblioteca, evitando usar a literatura como pretexto para o ensino de gramática, apresentando textos de poetas locais, regionais para promover o diálogo com os cânones literários e proporcionar a leitura plurissignificativa, sem a didatização e historiografia que permeiam as práticas literárias e assim afastam os leitores.

Para além disto, devemos considerar que o estudo com os gêneros textuais deve estar presente no ensino de Língua Portuguesa, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam:

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social (Brasil, 1998, p. 23 e 24).

Diante do exposto, consideramos que cabe ao professor propor metodologias diferenciadas de leitura e produção textual, promovendo atividades com o intuito de explorar



o estudo do texto e seus variados gêneros, considerando os sentidos que ele produz, para tornar seu aluno competente em reconhecê-los e utilizá-los nos mais diferentes lugares sociais de comunicação.

Nesse sentido, Marcuschi reflete que gêneros textuais

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à construção escrita (Marcuschi, 2007, p. 19).

Por isso, a escola, através da intervenção do docente, deve trabalhar as diversas possibilidades de gêneros, dando destaque aos que estão mais presentes no dia a dia do aluno, para que o mesmo reconheça a significância que eles têm na sua vida e a importância de estudá-los.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho dispõe de uma abordagem qualitativa e possui como enfoque a pesquisa-ação. Segundo Silva e Menezes:

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (Silva, Menezes, 2001, p. 20)

Dessa opção metodológica resultou um trabalho coletivo/interativo de sala de aula, e fora desta, foram realizadas intervenções diretas na realidade anteriormente retratada, com a intenção de modificá-la, acarretando ponderações e novos conhecimentos para os envolvidos na pesquisa, além de proporcionar uma prática cooperativa consistente, com aquisição de competências para o trabalho em equipe.

Nossa proposta de intervenção se apresenta, pois, como pesquisa-ação de cunho bibliográfico, apoiada no desenvolvimento na análise qualitativa dos dados, para assim aliar reflexão e ação na busca pela resolução de um problema que se reflete no ensino-aprendizagem, ou seja, partindo da necessidade de que as aulas levem o aluno a desenvolver habilidades de leitura crítica e reflexiva.

A Sequência de atividades do projeto seguiu orientações sugeridas por Rildo Cosson por meio da sequência expandida adaptada à Técnica da oficina (Cf. Cosson, 2014, p. 48), tendo como objetivo envolver os alunos da 3ª série do ensino médio em atividades de leituras,



pesquisas, debates, produções textuais, etc.

Para a sua realização, foram associadas as competências da BNCC, contemplando a contextualização dos temas transversais através da ação interdisciplinar com o componente curricular de História. Todo o processo da pesquisa teve como dados qualitativos a participação e o engajamento dos envolvidos, que compartilharam características da cultura popular, características sociais, folclóricas e tradicionais presentes na maneira de ser, de sentir, de agir e de falar da comunidade nordestina que povoavam os engenhos de cana-de-açúcar. No que refere à coleta dos dados, foram realizadas a técnica de observação, diário de leitura, questionários on-line, as operações estudadas nas sequências de atividades.

A Sequência de atividades do projeto foi composta por 10 (dez) oficinas de letramento literário desenvolvido a partir do livro *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, sendo o referido livro escolhido para o trabalho com a linguagem regionalista, à funcionalidade da língua falada, para o diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura, visando a reflexão acerca da contribuição dos estudos sociais, dos tipos regionais e na construção da identidade cultural nordestina, além do estudo das variações linguísticas como forma de valorização dos elementos históricos e formadores de identidades.

A oficina 1, iniciou-se com uma breve conversa, fazendo o levantamento do conhecimento prévio dos alunos: em quais suportes o romance se encontra, apresentação das características básicas dessa narrativa, foi apresentado também o livro e em seguida foi exibido o Curta Metragem "Menino de Engenho" produzido pelo escritor Bruce Fernandes e o resumo da obra *Menino de Engenho*.

A oficina 2 iniciou-se com a apresentação do Contexto Literário, destacando-se as características da Literatura com uma linguagem cheia de vocábulos regionais e forte inspiração na literatura de cordel, dando ênfase à oralidade. Em seguida, foi apresentada a vida e obra do escritor paraibano José Lins do Rego. Para essa oficina, foram analisados os capítulos 5, 6, 7 e 17 do livro *Menino de engenho*, permitindo ao aluno que ele se inspirasse em acontecimentos da própria vida e, uma vez familiarizado com o espaço, a linguagem estabelecesse uma relação com temas e situações das personagens da obra e fosse encorajado a produzir textos. A socialização dos grupos por meio do *chat* e áudios foi bastante satisfatória.

Na oficina 3, foi apresentada a estrutura da obra, abordando as especificidades do gênero literário proposto. Durante a aula, os alunos foram divididos em três equipes para que fizessem a leitura do romance em casa, fazendo resumos de capítulos selecionados e os questionamentos que seriam resolvidos no momento das oficinas temáticas.



Na oficina 4, intitulada “O Menino de Engenho e a construção dos espaços sociais”, a professora analisou, juntamente aos alunos, os capítulos 6 e 11, uma recordação do flagelo das secas: as aves de arribação, espaço como um elemento da narrativa, assim como os personagens, tempo, enredo, narrador. Através dessas atividades foi contemplada a leitura analítica destes elementos.

Na oficina 5, foi proposta aos discentes a análise do chamado “Romance de 30”, entrelaçando *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, e assim foram desenvolvidas atividades de análise literária e comparativa das características de personagens, compondo a ligação entre o homem e a natureza, sertão das secas, da exploração e miséria, presentes nos dois outros textos.

Na oficina 6, aconteceu um diálogo entre História e Literatura. A aula foi introduzida através do vídeo “Racismo estrutural”, de Sílvio Almeida, chamando a atenção para o fato de que o racismo se constitui como um processo pelo qual as circunstâncias de privilégios se difundem entre os grupos raciais e se manifestam pelos espaços econômicos, políticos e institucionais. Em um segundo momento, abriu-se espaço para conversações sobre o tema como estratégia de protesto contra o preconceito e a favor das discussões sobre direitos humanos e diversidade

A oficina 7, chamada “A Linguagem Regionalista - Aspectos Linguísticos e Literários” contemplou a leitura efetiva do texto literário em sala de aula com aprofundamento de um dos seus aspectos: a linguagem regionalista. Dessa forma, essa habilidade foi aplicada por meio de vários fragmentos do vocabulário regional em *Menino de Engenho* presentes na religiosidade, ocupações e alimentação, levando o aluno a perceber os efeitos de sentido que o autor quis imprimir ao texto a partir da escolha de palavras e expressões regionais/populares, as quais refletem a linguagem cotidiana do Nordeste.

Na oficina 8, intitulada “Variação Linguística e Preconceito Linguístico”, refletiu-se sobre a legitimidade da diversidade linguística e a adequação de contextos para refutar preconceitos e desenvolver a prática consciente da língua. Para isso, foram estudadas as variações linguísticas, estabelecendo a relação com o preconceito sofrido por Juliette Freire, vencedora do reality-show *Big Brother Brasil*, por causa do seu sotaque, que é uma das marcas identitárias mais difíceis de omitir, como também foram analisadas frases preconceituosas do guia informativo publicado na redacao@correio24horas.com.br e os discursos de ódio contra nordestinos por meio da rede social Twitter.

Na oficina 9, os alunos foram convidados para um momento de partilha a partir das experiências literárias do escritor cordelista Erivaldo Nascimento, que apresentou a temática



“As imagens do sertão na vida e na paisagem na perspectiva regionalista a partir da obra de José Lins do Rego”, através de uma roda de conversa. O ministrante abordou o Sertão do atraso, de falência da moralidade, a imagem do personalismo e da parcialidade no domínio da política, economia e sociedade coronelista.

A culminância do projeto (oficina 10) “A Linguagem Regionalista na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, em uma perspectiva remota”, foi apresentada como produto final com ênfase nas riquezas nordestinas nas suas perspectivas regional, social, histórica e artístico- literária e se deu em uma “Mostra Virtual de Cultura”, tendo o aluno como protagonista de todas as ações, pois foram eles que produziram os materiais exibidos em sua totalidade, a exemplo de exibição de slides, produção de vídeos, produções textuais, desenhos, caricaturas, apresentações musicais, escritura e declamações de cordéis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vimos, até aqui, a necessidade de o texto literário ser colocado no centro das aulas de literatura, mas esta ação deve ser planejada, para que o texto, em suas particularidades artísticas, seja estudado e explorado. Desta forma, somente com o texto literário explorado, inventado e reinventado por cada leitor e em cada aula, a partir da valorização da experiência literária pessoal dos estudantes, é que a metaleitura passa a ser apenas uma parte do processo na formação do leitor.

Trabalhar com a leitura integral da obra *Menino de Engenho*, na perspectiva do ensino remoto se mostrou, na verdade, uma excelente oportunidade para se promover o letramento literário, acrescida de informações tanto do campo literário quanto de fora dele, razão pela qual são bem-vindas propostas escolares com ampliação de escopo, integrando-as em estudos pluridisciplinares ou interdisciplinares. Na interdisciplinaridade, os múltiplos conhecimentos se interligam e se relacionam com a realidade na qual o aluno está inserido.

Consequentemente, quanto maior o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, melhor será o entendimento e o rendimento escolar. Esse entendimento vem ao encontro da proposta desse projeto, que apresenta, por meio das sequências de atividades, um caminho para se trabalhar a relação interdisciplinar entre Literatura e História em consonância com os objetivos propostos por cada disciplina.

O projeto contribuiu de forma significativa com o processo ensino-aprendizagem dos nossos alunos, cujo objetivo proposto foi promover o letramento literário dos alunos, além de contribuir para a formação do repertório sociocultural. Houve um momento avaliativo



qualitativo, envolvendo todos os agentes, o que é fundamental para analisar a produtividade das atividades desenvolvidas nas oficinas.

A proposta da Ação foi ancorada nas ideias do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, de modo que foi utilizada como norteadora a sua tese "A invenção do Nordeste e outras artes" (2001), que nos ajudou a refletir sobre uma imagem estereotipada da região Nordeste, de modo que optou-se por focar especificamente no estado da Paraíba (até pela escolha da obra literária objeto da reflexão, que é de um autor paraibano) e isto nos levou à reflexão sobre os vários discursos que instituem uma determinada forma de ver e falar essa localidade (perspectiva regional) e seus habitantes, aliado ao embasamento de Eni Orlandi (2003), que discute sobre a leitura e o ensino de Literatura em uma perspectiva polissêmica.

No percurso de realização do projeto, foi possível estabelecer ligações diretas entre as características e os sentidos que a obra literária nos possibilitava com a realidade da nossa escola e dos nossos alunos, sobretudo porque estamos inseridos (geográfica e culturalmente) em ambientes muito semelhantes àqueles das personagens do romance, de maneira que foi possível perceber como é dignificante e sensível o trabalho com a literatura que diga, aos alunos e a todos nós, muito mais do que aquilo que o texto parece dizer, pois consideramos este romance de Lins do Rego uma extensão (uma representação) do seu tempo e da filosofia de vida do seu lugar e povo.

O estudo da variação e do preconceito linguístico se mostrou como uma atividade de formação democrática e humanizadora, sobretudo porque propiciou discussões e reflexões acerca de práticas e políticas que foram historicamente instituídas e que devem ser desnaturalizadas (como a crença de que nordestino fala errado etc.).

Cabe, então, aos docentes, repensar o letramento literário, de forma que possa se fazer presente como uma prática cultural no cotidiano dos estudantes da escola básica. Se não acontecer pelo gosto, prazer e gratuidade que os textos dessa ordem possibilitam, que seja pela necessidade de conhecer o legado dos autores brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs o letramento literário como uma alternativa para propiciar a formação do leitor. O percurso adotado para concretizar essa proposta percorreu diversas etapas importantes e necessárias para o produto final construído: uma sequência de atividades que oportunizasse o letramento literário mediante a leitura da obra integral, da interação/participação do leitor nas atividades propostas e na partilha de experiências



literárias, como ação essencial para o desenvolvimento de um leitor proficiente.

Para além disso, um aporte teórico sobre o letramento literário precisou ser selecionado e analisado, tendo em vista a literatura escolarizada como o espaço na matriz curricular para a formação do leitor literário.

Escritores como Cosson (2014), foram considerados na construção das teorias do ensino de literatura, leitura literária, letramento literário e leitura subjetiva adotadas nesse trabalho dissertativo. Este estudo bibliográfico revelou uma discrepância entre as reflexões sobre o ensino de literatura para a formação do leitor e boa parte das aulas de literatura na educação básica.

A aproximação da História e a Literatura nos permitiu observar a forma como a questão da sensibilidade sustenta a moral de uma época através da identificação dos valores pertencentes a dominados e dominantes que reúne diversos aspectos, entre eles, sócio, histórico, cultural, todos a partir da obra de José Lins.

Trabalhar com este romance, deste autor específico, serviu para reavivar, na nossa escola, a valorização da cultura e da literatura local. Ainda que José Lins do Rego figure no cânone nacional como um dos grandes nomes da literatura brasileira do século XX, não é novidade que, dadas as baixas procuras pela leitura literária tanto dentro quanto fora da sala de aula, muitos paraibanos, sobretudo os mais jovens, não o conheçam. Assim, trazer *Menino de engenho* na íntegra e abordando-o de forma a construir um conhecimento interdisciplinar e multicultural se classifica como uma ação humanizadora.

A temática foi importante, pois nos deu a oportunidade de visualizar o contexto social dos engenhos do Nordeste açucareiro no período subsequente à abolição da escravidão no Brasil, assim, ler José Lins do Rego nos fez perceber esse contexto de submissão por parte dos ex-escravizados, inseridos dentro de uma sociedade viciada no escravismo e que não abria oportunidade de trabalho livre para o negro.

Sabemos que será necessário um novo perfil docente e que nada será como antes no pós- pandemia. Esse é um momento que deve ser utilizado para romper estilos cristalizados de salas de aulas passivas e de professores transmissivos. Pensar sobre esse novo perfil deve perpassar aprofundamento da discussão acerca do potencial da escola para munir estudantes de subsídios reflexivos e da capacidade de se adaptar às mudanças.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 2ª. Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** 48. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/terceiro e quarto ciclos**. Brasília, 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014

KLEIMAN, Ângela B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976

SILVA, E.L. da; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à distância da UFSC, 2001.